

# HISTÓRIA E GESTOS DE INTERPRETAÇÃO

Carmen Zink Bolognini  
UNICAMP

## I. Introdução

Em 1865, Victor Hugo, ao escrever o prefácio da tradução para o francês de Shakespeare, feita pelo seu filho, afirma que “when you offer a translation to a nation, that nation will almost always look on the translation as an act of violence against itself. Burgeois taste tends to resist the universal spirit. ... Who could ever dare think of infusing the substance of another people into its own very life-blood?” (apud Lefevere, A. 1992:18). Tal afirmativa justifica-se porque, para o autor, a língua para a qual é feita a tradução vê-se invadida por elementos da língua do texto original.

Essa afirmação de Victor Hugo, feita há mais de dois séculos, é de interesse para a discussão que desenvolverei aqui, porque ela implica uma concepção de linguagem que remete a algumas posições adotadas atualmente. Porque, ao considerar que a tradução possibilitará a “invasão” (*infusing*), de elementos de outras pessoas na própria vida, é estabelecida uma relação entre linguagem - mundo, segundo a qual seria na linguagem e pela linguagem que aquilo que é denominado “life-blood” pelo autor, se dá. Essa posição de estranhamento, uma posição de uma certa hostilidade para com o que é estranho/estrangeiro, reflete uma preocupação em preservar algo que seria próprio seu.

Trabalhando com uma concepção de sujeito que o considera definido historicamente pelo discurso, e de discurso como sendo o

lugar onde história e ideologia se encontram (E. Orlandi, 1990), estarei discorrendo aqui a respeito de algumas questões que podem definir certos limites para essa posição adotada por Victor Hugo. Essa discussão será feita a partir da análise de alguns itens lexicais da tradução, feita por João Accioli, da poesia, abaixo, de Hermann Hesse, intitulado *Über die Felder*, ou, em português, *Pelos Campos*:

### *ÜBER DIE FELDER...*

Über den Himmel Wolken ziehn  
Über die Felder geht der Wind  
Über die Felder wandert  
Meiner Mutter verlorenes Kind.

Über die Strasse blätter wehn,  
Über den Bäumen Vögel schrein -  
Irgendwo über den Bergen  
Muss meine ferne Heimat sein.

### *PELOS CAMPOS*

Passam nuvens no céu,  
sopra o vento pelos campos,  
pelos campos vagueia  
o perdido filho de minha mãe.

Rolam folhas nas estradas,  
cantam pássaros nas árvores  
nalgum lugar pelos montes  
Deve estar minha terra  
distante.

## **II. Sobre Hermann Hesse**

Hermann Hesse nasceu em 1877, e optou por um auto-exílio em 1912, indo morar na Suíça. De acordo com Martini (1954), cada um de seus livros trata do reconhecimento da solidão, que aparece nas coisas silenciosas: paisagem, nuvens, criança, pátria, terra. Em sua auto-biografia, Hesse afirma que a partir de 1912 ele começou a entrar em conflito com o nacionalismo alemão, e começou, timidamente, a escrever contra a política que visava suggestionar as massas e contra a violência que dominavam aquele país. A proibição de suas obras foi compensada, segundo Hesse,

pelo pretígio que alcançou entre as gerações mais jovens que pensavam em termos pacifistas.

Segundo Martini, Hesse sofreu de um forte desequilíbrio emocional nos anos de 1916/17, devido à Primeira Guerra Mundial, o que o levou a estabelecer contato com a psicanálise. Ele escreveu sobre a burguesia, o sofrimento, sobre a guerra. Talvez por esse motivo sua obra tenha se destacado na Alemanha, de acordo com Bettex (1967), principalmente após a II Guerra Mundial. O fato de ter sido um autor que refletiu a respeito da humanidade, da pátria, da guerra, aspectos que estavam em evidência na época, lhe confere um lugar especial na produção literária da primeira metade do século. Além disso, ele foi um autor que lançou sobre a Alemanha, seu país de origem, um olhar diferente do lançado pelos seus compatriotas que permaneceram no país durante as duas guerras, uma vez que sua produção literária se deu no exílio, na condição de emigrante.

### **III. Quadro teórico**

Uma das questões que mais motivam atualmente discussões entre os teóricos que trabalham com tradução é aquela que envolve a conceptualização de sujeito. Essa discussão ganha importância principalmente porque ela está ancorada a uma concepção de linguagem. Gostaria de focalizar a relação entre sujeito, linguagem e tradução considerando o processo denominado por E. Orlandi (1996) de *gesto de interpretação*.

A partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso, de linha francesa, todas as discussões a respeito de concepções de linguagem estão estritamente relacionadas a uma discussão a respeito de uma concepção de sujeito. Isso porque, de acordo com E. Guimarães (1995), é o sujeito que coloca a língua em movimento. O sujeito é constituído como tal pela linguagem, pela linguagem de sua sociedade, de sua cultura, de sua história, determinadas ideologi-

amente. Ao entrar em contato com símbolos, o sujeito lhes atribui significado, ou seja, ele faz gestos de interpretação. A autora afirma que os gestos de interpretação não são voluntários, e tampouco conscientes: o sujeito interpreta, porque é compelido a isso. Os gestos de interpretação de um sujeito são determinados pela linguagem. Há uma ligação intrínseca linguagem-sujeito, pois ao colocar a língua em movimento, ao falar, o sujeito estabiliza a linguagem que o constituiu (cf. E. Orlandi, 1990). Dessa maneira, o sujeito é, ao mesmo tempo, produto e estabilizador daquilo que o constituiu. Por esse motivo E. Guimarães (1995) afirma que a linguagem se realiza no sujeito, e que, ao passar de um sujeito a outro, ao passar de uma geração a outra, ela adquire seu caráter histórico, e constitui outros sujeitos a partir dessa história.

Sendo constituído pela linguagem como sujeito inscrito em uma história, os gestos de interpretação de um sujeito são orientados pela história de sua sociedade. Ao fazer gestos de interpretação, o sujeito produz efeitos de sentido. Ou seja: as palavras não tem sentido em si, elas não são transparentes. O que existe são efeitos de sentido produzidos pelo sujeito quando ele se defronta com as palavras, objetos simbólicos (E. Orlandi, 1996). Partindo do pressuposto que o sujeito faz gestos de interpretação definidos pela história, os efeitos de sentido produzidos também são definidos pela história.

#### **IV. Hermann Hesse na história da Alemanha**

Certamente, o fato de ter ganho o prêmio Nobel de Literatura em 1946 não pode ser descontextualizado do fato de Hermann Hesse ser um autor que resolveu sair da Alemanha já antes da Primeira Guerra Mundial. De acordo com Martini (op. cit.), esse auto-exílio foi provocado pelo fato de Hermann Hesse discordar do estado belicista em que se encontrava aquele país. Todas as expressões de Hesse tinham sua origem na sua intenção de renovar a humanidade

e o mundo (cf. Bettex, op. cit.). Ele era um pacifista, em um período marcado por duas grandes guerras mundiais.

Hermann Hesse cresceu, assim, em uma sociedade formada por sujeitos constituídos por uma linguagem que tinha a história de guerras, de conflitos como um de seus componentes. Essa história não estava “no ar”, não podia ser apagada, esquecida ou silenciada, pois ela estava inscrita na materialidade da linguagem e, sendo assim, estabilizada no discurso, toda vez que um sujeito colocava a língua em movimento.

### **V. João Accioli na história do Brasil**

Não se sabe com tal exatidão qual era o perfil dos habitantes nativos do Brasil, denominados “índios” pelos portugueses. Sabe-se que provavelmente os diversos grupos promoviam guerras entre si, havia grupos mais hostis, outros menos (cf. D. Ribeiro, 1996). Entretanto, a história “oficial” do Brasil é aquela que tem seu início com a chegada dos europeus ao país. De acordo com E. Orlandi (1990) a história do Brasil foi contada pelos gestos de interpretação dos europeus, que produziram efeitos de sentido que definiriam aquilo que o Brasil era e viria a ser. O que aconteceu antes de sua chegada não está, ou está pouco inscrito no discurso. E a relação habitante nativo - português, justamente por ter sido de massacre, não merece muito destaque quando a história do país é contada.

O maior objetivo dos investimentos feitos pelos países europeus nas grandes navegações foi econômico. As nações européias procuravam outros lugares onde pudessem vender seus produtos, e de onde pudessem extrair riquezas minerais, vegetais e matérias-primas. Por esse motivo, H. Arendt (1957) afirma que as relações colônia-colonizador são marcadas por relações de poder que estabeleceram as bases sobre as quais o imperialismo se sustenta. Nesse contexto, o Brasil foi utilizado pelos países europeus como fonte de lucro, e seus habitantes, de acordo com D. Ribeiro (1978), servi-

ram como fonte de energia, (carvão humano) para a produção dos bens. Sendo assim, o Brasil foi constituído discursivamente como um lugar de onde seria feita a extração de riquezas vegetais e minerais. Para que a extração vegetal ocorresse, foi introduzida a agricultura no país.

Como se sabe, o Brasil foi um país de caráter iminentemente agrícola até o final da década de 30. A industrialização do país teve seu início tímido durante a primeira Guerra Mundial, principalmente devido ao bloqueio naval imposto durante o período, que impedia a importação de produtos industrializados. Mas foi após a II Guerra Mundial, principalmente devido à instalação da Companhia Siderúrgica Nacional, que a industrialização ganhou impulso definitivo. O Brasil industrial demorou para se firmar, se pensamos que ele tem cerca de 50 anos, e ainda hoje ele tem seu grande potencial restrito às regiões sul/sudeste do país.

## **VI. A tradução: as histórias e as produções do autor e do tradutor**

Como estão no seu título, pode-se dizer que *Feld* e *campo* são palavras chaves dos poemas. Comparando-se as histórias da Alemanha e Brasil, nota-se que elas são palavras que se originam de Formações Discursivas (Foucault, 1969) diferentes e estão, portanto, inscritas em histórias diferentes, ideologias diferentes. Elas significam diferentemente, porque fazem parte de cadeias discursivas diferentes.

Os brasileiros e os alemães têm histórias diferentes, marcadas por elementos que os constituíram a partir de discursos diferentes. A palavra *Feld* e a palavra *campo* permitem diversos gestos de interpretação diferentes nos dois idiomas. Essas diferenças nos gestos de interpretação remetem a ambigüidades diferentes alcançadas pelos dois textos.

No entanto, devido às condições de produção do poema em alemão, devido à história de Hermann Hesse, um pacifista, crítico de guerras, o gesto de interpretação que relaciona *Feld* a guerra está mais próximo do sujeito constituído pelo idioma alemão do que o gesto de interpretação feito pelo sujeito constituído pelo idioma português falado no Brasil. Porque a história das duas grandes Guerras Mundiais, travadas em campos de batalha faz parte do discurso do idioma alemão com mais intensidade durante o século XX, do que o faz do discurso português do Brasil. No português do Brasil, devido à característica agrária do país, a palavra campo remete muito mais a um contexto bucólico do que a uma história de guerras, apesar de a Alemanha também ter agricultura, e de terem existido conflitos armados dentro do Brasil, e de o país ter se envolvido em guerras também.

Uma das possibilidades de diferentes gestos de interpretação é dada, nesse espaço existente entre o alemão e o português do Brasil, pelas diferenças na história entre os dois países. Fica particularmente clara a diferença nos gestos de interpretação ao analisarmos a tradução feita do verbo *schreien*. Na poesia, H. Hesse descreve o *Feld*, referindo-se a ele como sendo o lugar no qual os pássaros *schreien* (gritam). Na tradução para o português, entretanto, os pássaros *cantam* no campo descrito.

A diferença entre cantar e gritar é imensa. O grito dos pássaros no campo remete a uma situação de tensão, de mal-estar, de intranqüilidade. O campo de Hermann Hesse não é descrito pela sua paz. Pelo contrário, ele é descrito pela ruptura da paz. Isso porque Hesse dá a descrição de um campo no qual há vento, no qual há folhas em movimento, no qual há nuvens no céu. Esse campo, cujas características podem ser típicas de uma típica paisagem bucólica, tem sua paz interrompida por pássaros que gritam.

O tradutor do poema, no entanto, segue seu gesto de interpretação inicial, perseguindo a descrição do campo bucólico, no qual há vento, nuvens no céu, folhas soltas e pássaros cantando.

Essa diferença no formato final da poesia é possível porque os

gestos de interpretação feitos pelos dois sujeitos, a saber, o autor e o tradutor, são marcados por épocas diferentes, culturas diferentes, sociedades diferentes, oriundos de histórias diferentes. A partir de tal diferença surge a possibilidade de se traduzir *Bergen* por *montes*. Essa interpretação, no entanto, impossibilita ao leitor brasileiro interpretar *Bergen* como sendo os Alpes, e conseguir o efeito de sentido segundo o qual os versos “Irgendwo über den Bergen/Muss meine ferne Heimat sein” poderiam fazer referência ao fato de Hesse estar na Suíça, e que, portanto, geograficamente, além das montanhas, estaria a Alemanha. A Alemanha, sua pátria (*Heimat*), cujo filho vagueia perdido pelos campos (*Felder*), que podem ser de batalha.

## VII. A inevitabilidade da interpretação: conclusão

A consideração expressa por Victor Hugo, ao fazer referência a uma possível “invasão” (*infusing*) de um idioma por outro, causada pela tradução, merece ser relativizada em função dos limites impostos pela história à linguagem, e vice-versa.

É verdade que todo contato entre culturas promove deslocamentos. J. B. dos Santos (1985) afirma que a cultura não é estanque, que ela está em movimento. Os deslocamentos operados, na concepção do autor, se devem a contatos comerciais, ou a conquistas, invasões, etc.

Na concepção de Victor Hugo, uma tradução consistiria em uma invasão, e provocaria um sentimento de resistência. Essa resistência, a nosso ver, se encontra no próprio discurso, na medida que a constituição dos sujeitos pela história, se não interdita, ao menos dificulta a divulgação de determinados efeitos de sentido. Porque os gestos de interpretação feitos por sujeitos constituídos por histórias diferentes produzem efeitos de sentido diferentes. Por *Feld* e *campo* produzirem efeitos de sentido diferentes, por estarem ancorados a histórias diferentes, há a possibilidade de promo-



ver um gesto de interpretação que leva o tradutor a selecionar o verbo *cantar* ao procurar uma forma para *schreien*.

Não se trata de avaliar as opções feitas pelo tradutor a partir do conceito de certo/errado, ou a partir da dicotomia verdadeiro/falso. Se pensarmos com Foucault (1981), que afirma que existem “efeitos de verdade”, isto é, “um conjunto de procedimentos regulados para a produção ... e funcionamento dos enunciados” (p. 14), concluiremos que as relações que se estabelecem em uma determinada sociedade fazem com que determinados discursos circulem como sendo verdadeiros, enquanto outros são silenciados (E. Orlandi, 1993). Trata-se, portanto, de investigar como a produção de determinados efeitos de sentido foram possíveis durante o processo tradutório, investigando-se as condições de produção das obras.

## Bibliografia

Arendt, H. *As origens do Totalitarismo* vol. II. Ed. Documentário, 1957.

Bettex, A. “Die Moderne Literatur” em *Deutsche Literaturgeschichte in Grundzügen* (Boesch, B. Hrsg.) Francke Verlag Bern, 1946, 3. Ed. pp. 407-485, 1967.

Foucault, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal Ltda, 2. ed., 1979.

Guimarães, E. *Os limites do sentido*. Campinas: Pontes, 1995.

Lefevere, A. *Translation History Culture A Sourcebook*. New York: Routledge, 1992.

Martini, F. *Deutsche Literaturgeschichte von den Anfängen bis zur Gegenwart* 5. Auflage Alfred Kröner Verlag München, 1954.

Orlandi, O. *Terra à Vista*. Campinas: Pontes, 1990.

\_\_\_\_\_. “Dispositivos da Interpretação” em *Interpretação*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

Ribeiro, D. *Os Brasileiros*. São Paulo: Cia das Letras, 3. ed., 1978.

Santos, J. B. *O que é cultura?* Brasiliense, 1985.